

# PRAZER DE ÓRGÃO (ORGANLUST)<sup>1</sup>

Arnaldo Domínguez<sup>2</sup>

**NOS TEMPOS DO CORPO A CORPO DA DESTRUIÇÃO - {do fetichismo impreso nas 'cavernas' públicas da cidade ao fetichismo da mercadoria-corpo, enquanto ideal autoerótico: A pulsão que se fecha em si mesma, como uma "boca cosida".**

Foi na década de '80 quando convidei o meu amigo Dr. Casimiro – ex obstetra, então com 92 anos – para que apresentássemos juntos uma conversa sobre a “Sexualidade na Terceira Idade”, aos alunos do curso de Gerontologia Social no Instituto Sedes Sapientiae. Curso em que eu era, também, aluno, sob a coordenação de Elvira de Abreu e Mello Wagner e Tomico Born.

Conforme a opinião de meu amigo, o mais importante para uma sexualidade funcional, nesta faixa etária, além dos cuidados básicos e elementares com o corpo e a manutenção de uma atividade engajada no mundo, é se dispor de uma boa aposentadoria que resulte gratificante ao parceiro/a sexual. Uma certa 'mais-valia'.

Ao sairmos da mesa redonda, eu sentindo-me um dos cavaleiros ao lado do Rei Artur, fui informado, pelo amigo, da sua urgência urinária.

Dentro do banheiro ele demorou uma eternidade.

E eu, do lado de fora, fui tecendo as minhas conjecturas diagnósticas, ainda muito impregnado pelo discurso da medicina, mas já com certa abertura para a Outra Cena.

Primeiro pensei na próstata, único órgão que aumenta com o passar dos anos, quando o resto se atrofia.

Mas, depois, pensei no pior. Culpei-me, por instantes, por ter lhe exigido o esforço de locomover-se desde a cidade litorânea de Santos, onde residia, até o burburinho de Perdizes, em São Paulo. O de ter que ultrapassar quem sabe que barreiras da sua condição para enfrentar os abutres da Ciência Gerontológica, ávidos de lhe arrancar o saber no lugar da verdade. Comer-lhe o fígado e acorrentá-lo à mercê do futuro de uma ilusão.

Entretanto, como já se formara uma fila, por conta do número reduzido de sanitários masculinos, pelo menos, nesse andar – ou porque estas áreas de interesse são, primordialmente,

---

<sup>1</sup> Freud, S. – O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais – Conferência XXI – Vol. XVI.

<sup>2</sup> Médico psicanalista, Membro do Laboratório de Psicanálise e Sociedade, PUC/SP e IPUSP.

femininas - fui arrancado de minhas divagações e decidi bater, discretamente, à porta.

Ele abriu imediatamente e disse, se desculpando:

- *Estava entretido lendo o quê os psicólogos escrevem na porta do banheiro - e acrescentou, com certa decepção - É a mesma coisa que nos banheiros do Metrô...*

Guardei, todos estes anos, essa constatação - o meu amigo faleceu aos 96 anos, depois de ter concluído um curso de Especialização em Geriatria, mediante a minha influência, e como prova de que a 'pulsão sexual' e o 'desejo' não envelhecem. Esse órgão que é a libido - nos dois sentidos que lhe oferece Lacan, órgão-parte do organismo e órgão-instrumento -<sup>3</sup> também pode vir a hipertrofiar-se com a idade. Ou, pelo menos, preservar intacta sua função para o sujeito. Que motivações impulsariam o Dr. Casimiro - além do nome - a prestar tanta atenção nessa leitura?

O título desta Jornada, "Sexualidade hoje"<sup>i</sup>, me reportou a estes avatares.

*"Lo recuerdo (yo no tengo derecho a pronunciar ese verbo sagrado, sólo un hombre en la tierra tuvo derecho y ese hombre há muerto)" - Jorge Luis Borges, "Funes, el memorioso"*

Tomado por esses traços mnêmicos, decidi interromper temporariamente este escrito e visitar um banheiro público, ciente de que ali encontraria algum significante que representasse um sujeito para um outro significante.

Escolhi o mais próximo do consultório, pois a minha urgência era outra. Retomar a escrita.

Assim, caminhei até o Mercado da Lapa confiante na afirmação de meu amigo: **é tudo a mesma coisa! (Ou seja, é a 'sexualidade infantil')**.

Por outro lado, não era de meu interesse atual a realização de uma pesquisa mais exaustiva, para a qual, teria que comparar com as portas e paredes dos banheiros dos dois sexos. **Estação Homens e Estação Mulheres!** E tem quem diga que há mais.

Munido de um bloco de anotações e da caneta de estimação, me deparei, logo de cara, com a seguinte inscrição:

---

<sup>3</sup> Lacan, J. - Livro 11. Pg. 176.

**"So tranzo com homens idosos. Gosto de comer mas tambem dou, só prá voce de até 80 anos. Mim liga: (e tem o número de um telefone celular da Vivo)".**

Como é público, quem tiver interesse poderá corroborar estas informações *in loco*.

Outra diz:

**"Quero chupar a rola do coroa"**

Mais uma, bem interessante:

**"Kero komer**

**uma bixinha ou um viadinho**

**ke use roupas**

**intimas".**

Em fim, mais um painel de inscrições sobrepostas, constituindo um hieróglifo atemporal, dentre as quais consegui traduzir:

**"Quero comer um cara de 35. Sou moreno claro, tenho 50 e moro na Cornélia"; "Quero garotos de 15"; "Quero transar com cinco homens ao mesmo tempo";** fora outras tantas destacando o tamanho da 'dotação' e a paixão pelo Corinthians, etc.

Neste banheiro há um mictório coletivo e mantém a presença de um funcionário trajando o uniforme do Mercado, sentado numa das extremidades, próxima à porta de acesso. Está de olho!

Ele se olha em seu membro sexual?

"O número dois se rejubila por ser ímpar", escreveu Gide - Paludes - com o que Lacan brincou, deslocando em 'um par', 'ímpar' e 'um pai'.<sup>4</sup>

O sexo se regozija de ser olhado.

Se fazer ver? Amar-se através do outro?

No Seminário 11, pg. 112 - Do Mito à Estrutura - Lacan afirma: "o pai é quem é reconhecido como merecedor do amor".

Mas, se ele está morto, então tudo é permitido?

Outro amigo me contava que, no Seminário que freqüentou, nas portas dos banheiros, do lado de dentro, estava escrito:

**DEUS TUDO VÊ! Então tudo é proibido!**

Mas se "é sempre o mesmo", como afirmou Casimiro, o que é que se repete em Autômaton? É a proposta da realização do incesto! **(A diminuição do horror ao incesto nas sociedades 'civilizadas' promoveu a repetição de um gozo ao pé-da-letra, em escala globalizada? Seja como for, isto constitui um caldo de cultura para tiranias sem escrúpulos).**

Mas, antes de avançar nesta questão, vou amarrá-la com outra: Certos anúncios de jornal e, atualmente, a Internet, desempenham com freqüência, esta função de "banheiros públicos"<sup>5</sup>, quando o sujeito oculto por trás de um significante, goza do prazer do órgão, o quê pretende

---

<sup>4</sup> Do amor à libido, pg. 184 - Livro 11.

<sup>5</sup> Murais culturais, painéis do Fantasma: "O ser humano aspira ao inferno" - Lacan. O inconsciente não têm nenhuma preocupação ética, visa somente à Felicidade da Pulsão. Ela se registra nos Muros.

'objetivar'? O olho do leitor que busca uma novidade, reduzido a puro objeto? Certamente, Casimiro, frente ao limite de idade - o topo dos 80 - ali sentir-se-ia excluído. Só pagando! Poder-se-ia, então, afirmar, que na 'sexualidade', 'hoje', não mudou nada? **É sempre a mesma coisa**, utilizando-se de meios mais sofisticados, apenas? Eu creio que sim. Há mudanças na esfera do amor, essa barreira ao gozo, uma "esquina pela qual não me atrevo a passar", como disse Borges. Brinca-se um pouco mais as claras de perversão, mas o olho do pai continua operativo, certamente acompanhando a sofisticação dos recursos. A polícia, por exemplo, tem que caçar os "pedófilos" utilizando os mesmos meios que estes. Talvez a maior tolerância do pai simule uma **verwerfung** generalizada. Mas a atual 'imoralidade' não consegue rejeitar todos os imperativos e as teorias freudianas estão longe de serem arcaísmos inúteis, como tantos pretendem, hoje, postular.

### DESELEGÂNCIA DISCRETA

*"O leitor abrirá Nossa Senhora das Flores como se abrisse um armário de um fetichista e encontrará aí, dispostas nas prateleiras, como sapatos que foram cheirados e beijados e mordidos cem vezes, as palavras úmidas e perversas que brilham com a excitação que elas despertam em outra pessoa e que nós não podemos sentir". Jean-Paul Sartre – Apresentação de "Nossa Senhora das Flores" de Jean Genet – Ed. Nova Fronteira.*

Estaremos doentes da linguagem como nunca?

A psicanálise, que trata da sexualidade através do recurso à 'neurose de transferência', ou seja, aquilo que manifesta na experiência a atualização da realidade do inconsciente, no que ela é sexualidade e que se apresenta na forma de amor<sup>6</sup>, irá desaparecer como prenunciam os cognitivistas em seu 'Livre Noir'?

De fato, atravessamos um tempo de miséria do Romance Familiar, pois o ideal de sucesso e de consumo desenfreado, dificultou o lento trabalho de elaboração, que custa caro e não oferece lucro a curto ou médio prazo. A psicanálise não é, de certo, um bom negócio,

---

<sup>6</sup> Lacan, Jacques – Seminário 11 – "A pulsão parcial e seu circuito".

vista sob esta perspectiva. É, mais bem, uma perda de tempo, quando 'tempo é dinheiro'.

O' jourd'hui, sexo se contrata pela Internet e o amor, que também leva tempo, tornou-se assunto de nostálgicos. A nostalgia da privação dos carentes. "Ficar" e trocar de parceiro constantemente e até os dark rooms e casas de swing's, etc., se propõem a resolver este impasse. Já que o **sintoma social** é metafórico, a questão é a substituição. Curiosamente, apesar das 'lutas feministas' e das 'gay and lesbian reivindication's', o primado da masculinidade, como semblante cultural, parece ter se instalado **for real** (prá valer!).

Por outro lado, "se" o encontro amoroso é o encontro de duas carências, pois, enquanto falante o sujeito só se pode contar através da cadeia significante, onde a falta insiste em incessantes repetições (Tiché e Automaton), é também no corpo que esta ausência se marca. Pois o corpo é o invólucro de um vazio, conforme a topologia descrita no Seminário de Lacan sobre a Lógica do Fantasma. O corpo marcado, repleto de objetos (piercings) e letras (tattoo), rejeita - e, ao mesmo tempo, evidencia - isto.

"Es el amor... - escreve Borges, "El amenazado" - Hay una esquina por la que no me atrevo a pasar... El nombre de una mujer me delata. Me duele una mujer en todo el cuerpo".

Já em "Los conjurados" (1985, pg. 920), ele diz: "Sólo me queda el goce de estar triste/ esa vana costumbre que me inclina/ al sur, a cierta puerta, a cierta esquina".

Por sofrermos de reminiscências inclinamo-nos ao amor, essa falha do inconsciente?

Em "Contribuições à psicologia do amor", Freud nos diz que os poetas possuem a ousadia de deixar falar o seu próprio inconsciente. Em Lacan, relendo Freud, o amor de quem deseja ser amado aparece - na perspectiva narcísica - como uma tentativa de capturar o outro em si mesmo. Posteriormente ele trata de definir um mais além desse amor. Um novo amor, após a cura da neurose na feminilidade, tanto para os homens, quanto para as mulheres. Será que esta 'promessa lacaniana' - de um novo laço - poderá ser cumprida?<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Amor mais além do reconhecimento e da reciprocidade, no fim da análise, que não exige a satisfação mais que como contingência. Como já mostrava Aristóteles, o amor de um sujeito que é digno da felicidade, mas sem nenhuma promessa de que a alcançará. (Algumas reflexões sobre as vicissitudes do amor e a transferência - Fischman e Hartmann)

Kierkegaard, S., em "A estética do matrimônio", pg. 166, escreve: "Os amantes estão profundamente convencidos de que formam um todo perfeito, à salvo de toda mudança para sempre".<sup>8</sup> Seriam "locos del todo" se ali o eterno não se fundasse no temporal e, como consequência disto, anulasse a si mesmo. Poder-se-ia afirmar que é só na psicose que o "erastes" (amante) encontraria seu "erómenos" (objeto amado). Mas ocorre que os "amantes" de Kierkegaard correspondem a um tempo que, efetivamente, se anulou a si mesmo: o ideal romântico. O ideal de novela, que é de um tempo passado. Do tempo de nossos pais ou avós.

Para o atual delírio compartilhado que denominamos "realidade contemporânea", em que o eu dos sujeitos pós-modernos está alienado, o ideal é outro. Quiçá o mais aproximado se condense na 'Quarta contradição' descrita por Freud em sua leitura das "Memórias de um Nevropata", do Presidente D. Schreber, a saber:

**Eu só amo a mim mesmo!**

Considero que vivemos numa época na qual a disparidade entre o amor e o gozo sexual conduziu-nos à degradação da vida amorosa, por uma via que é a do Templo da Vaidade - o corpo - onde se exaltam os atributos (inatos ou adquiridos) do Ideal. O corpo é, atualmente, o muro onde se inscreve o signo - isto que representa algo para alguém - do que é ímpar. O signo do equívoco e da trapaça, corroborando o que afirmava Lacan no Seminário da Transferência: "A única dignidade do sujeito é a do objeto". Já que os acontecimentos nos convenceram da não reciprocidade do amor, os seres humanos parecem ter concentrado seus objetivos na conquista do Poder e da *ratio sexualis*, e o parceiro reduziu-se apenas à condição de objeto 'a': Um corpo a ser consumido. Comido no banquete imoral da megalomania, que é uma proposta regressiva da cena fantasmática, que visa à manutenção de um estado narcísico original e incestuoso, em que o corpo do outro 'me' pertence, nem que, para que isto se confirme, tenha que ir contra a Lei.

"A megalomania (nos diz Freud, na Conferência XXVI - vol. XI - "Sobre a teoria da libido e do narcisismo") é o retorno a um narcisismo infantil, primitivo, original".

Hoje o imperativo é que se conquiste, a qualquer custo (ou seja, o corpo), o que falta. O sistema capitalista nos indica o objeto (ou, ao menos, o

---

<sup>8</sup> Fishman, Mario L., Hartmann, Alicia - Amor, sexo y... Fórmulas - "El no sentido del amor del romanticismo" - Manantial Estudios de Psicoanálisis - Bs.As., 1994.

objetivo e a finalidade, cada qual que encontre a fonte como puder) e a cultura dos "Direitos Humanos politicamente corretos" nos conduz a uma incessante reivindicação.

**Eu tenho direito! (Ao gozo),** e a demanda - que é sempre de amor - vai parar na Justiça. (Inclusive, parar, literalmente, pois está abarrotada de 'processos'). Certamente veremos aparecer cada vez mais isto na nossa clínica psicanalítica. {Consultem sempre um advogado!} Recordemos que "cultura" é um campo onde se inventam os modos de satisfação da pulsão parcial, ou seja, tem estrutura de fantasma. Tal vez nós, aqui reunidos para questionar a cultura, representemos, precisamente, a sua excrescência, digamos, incluídos nesta situação sem que pertençamos a ela mas sem chegarmos a constituir uma exceção, que significa o não pertencimento a uma classe, só demonstrável dentro da mesma. Característica, segundo Agamben, do Estado de Exceção (exclusão) em que vivemos.<sup>9</sup> Afinal, nos constituímos sujeitos, a partir de uma exclusão.

Conforme o sociólogo norte-americano, falecido recentemente, David Riesman ("A multidão solitária", 1950), "Nos dias de hoje" o critério que nos orienta é o que os outros pensam de nós. Somos sociais como nunca, pois só existimos na (e pela) multidão. Somos solitários como nunca, pois, na hora de dialogar esbarramos nos reflexos das identidades que a multidão reconhece e festeja. O grupo dos pares que aprova ou desaprova.

## **O reconhecimento do desejo.**

**A dura poesia concreta de duas esquinas.** ("Sampa", Caetano Veloso)

Na esquina metafórica de Borges, insistente e evitada, se cruzam, na minha leitura, o amor e a satisfação pulsional.

O fracasso do amor será necessário para que a pulsão mantenha sua função de motor do desejo ou será exatamente o contrário, o desejo, que impulsionando a pulsão, conduz ao fracasso do laço amoroso e social?

---

<sup>9</sup> Agamben, Giorgio - HOMO SACER - O poder soberano e a vida nua - Humanitas, 2002.

Então é por isso que (sobre o amor e a cultura sexual) não (se) para de se escrever? Seja como for, é no silêncio do falasser (o que não para de não se escrever) onde reina o mutismo da pulsão, tão barulhento. O sentido é Real, pois, no Simbólico o nome de uma mulher 'me' delata o fracasso do significante destinado a designar. Este não dá conta de nominar, nomear, indicar ou assinalar o objeto que está ausente. A verdadeira maionese.

E, então, me dói no corpo todo (I). Sobre tudo na parte que não escapa à mortificação. O gozo de estar triste, cada vez mais presente: a depressão.

Na "Terceira" - conferência de Lacan em Parma, 1974 - ele afirma "Somos todos proletários", quer dizer, **não há proporção social** (*ratio*). Isto é, cada qual na sua vida gozante se mantém desconexo de um laço social. Apenas fazemos número, reduzidos assim, ao próprio corpo contável. Prenuncia um tempo de totalitarismo pois a massa (aglomeração) não reconhece nenhuma solidariedade.<sup>10</sup>

Pois bem, os poetas estão silenciando-se. O pai não se mostrou eficiente para lhes afastar esse 'cale-se', senão, tudo o contrário. Chico Buarque afirmou, em recente entrevista, desde Paris, que "vivemos o tempo do fim da canção".

Das esquinas famosas de Caetano, onde já se via "a feia fumaça que sobe", podíamos adivinhar o empuxo à produção desenfreada respondendo a outro empuxo concomitante, consumir sempre mais. Na perspectiva capitalista que sabia - pois a parceria moderna é entre o capitalista e os proletários, que somos nós, os consumidores, operação que consiste na perda do saber - sabia, digo, o capitalista, desse vazio topológico. Da Carência que o amor, banalizado, não poderia preencher. E isso (ça) nos deixou nesta solidão e nesta angustia do sem sentido. A angustia do aniquilamento do sujeito do desejo pois o Outro contemporâneo nos diz o que quer.

Que é tudo o que queríamos saber!

Agora só basta que ministremos cursos de Educação Sexual - sexualidade assistida, com tudo o que isto traz da pulsão escópica freudiana e do panótico dos dispositivos foucaultianos - e que acessemos os sites para que aumentem o tamanho dos orgasmos e dos pênis, etc. Nem precisamos caminhar até o banheiro público, que ficou restrito aos excluídos da 'navegação virtual'.

---

<sup>10</sup> Soller, Colette - El Padre Síntoma - Asociación Foro del campo lacaniano de Medellín - 2001.



Mas nada disso nos livrou da singularidade fantasmática, e continuaremos a oferecer-nos como objeto para um outro sujeito - que é isto que podemos constatar na atual redução ao próprio corpo - e por mais autista que o gozo possa se apresentar (anorexia, bulimia, toxicomania, violência, seqüestros, depressão, fracassos escolares, esportes radicais, malhações excessivas, tatuagens, tentativas de suicídio, etc.), ainda tem vigor o tema do sintoma, que, como descreveu Freud, no Caso Dora, é sempre destinado para alguém.

Levando em conta o tempo em que vivemos, aí entramos nós, psicanalistas, como - quiçá - a única clínica que privilegia o sujeito, tão desamparado. Mesmo que nossa roupa - com que roupa eu vou? - delate a nossa discreta deselegância, mas sem que, pela transmissão cretinizante, se constitua num(a) 'ultrajem ao rigor'.

*Hay que endurecerse, pero sin perder la ternura.*

(Ernesto Guevara).

Afinal, estas inscrições nos Muros - que só "entendidos" conseguem traduzir - nos remetem às prisões em que se encontra o sujeito e não podem ser tomadas 'ao pé da letra'. Pois representam alguma sorte de sublimação de uma potência cruel e insistente.

Minha analisante, que tatuou a maior parte do corpo com temas dedicados aos "amados mortos", dentre os quais está a avô e Elvis, me disse que reservou um espaço para a mãe, que será a próxima! E me convenceu da presença desta potência do "pior". É só uma questão de tempo. Mas o Hawai, (e o Haiti) é aqui!

ESQUEMA: O gozo ao pé da letra (Porquê a guerra? - perguntava Freud, tão atual - Porquê o amor?, eu lhes pergunto)

Esse corpo-à-corpo da destruição, é por conta dos seres humanos que aspiram ao pior - Lacan -.

Se o Inconsciente é o Social e a realidade do Inconsciente é sexualidade, que se apresenta na atualização transferencial, sob as formas de amor e ódio, podemos concluir que não há proporção sexual e social. Não se pode escrever disso.

Logo, a realidade social também têm estrutura de Fantasma, onde os sujeitos se inventam um lugar - Identidade - com o propósito de negar a falta e desconsiderar o resto - a alteridade e singularidade do objeto a - sendo esta a fonte dos racismos e segregações.

Se a proposta do Fantasma é a realização do incesto, por uma via regressiva - contra a Lei - ou progressiva - Ética do desejo - então o que propõe Giorgio Agamben no Estado de Exceção em que vivemos, a suspensão das leis, o inferno é *hic*

*et nunc*. A destruição resulta de um sistema impermeável aos questionamentos. Por isto a psicanálise teria que desaparecer ou ser tornada inócua. Mas os únicos capazes de lhe conferir tais descaminhos são os próprios psicanalistas.

---

<sup>i</sup> Texto apresentado nas Jornadas da Escola da Causa Analítica – EDCA -, tema: “Sexualidade Hoje”. 4 e 5 de novembro de 2005 - Rio de Janeiro - RJ